



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ENTRE A VIOLÊNCIA E O TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA SOBRE A PRODUTIVIDADE DE MULHERES VÍTIMADAS PELA VIOLÊNCIA

***Eixo Temático 29 – O PATRIARCADO NO CAPITALISMO E USO DA
VIOLÊNCIA NO CONTROLE DOS CORPOS DAS MULHERES / AXIS
29 - PATRIARCHY IN CAPITALISM AND THE USE OF VIOLENCE
TO CONTROL WOMEN'S BODIES (ONLINE)***

Marco Antonio Veloso de Castro Ferreira ¹
Alessandro Martins Ribeiro ²

RESUMO

A família nuclear burguesa surgiu com a ascensão do capitalismo, abrigada no lar, nicho tradicional do patriarcado. Nesse ambiente, sob o manto da privacidade, se dá a reificação das mulheres como consequência da divisão sexual do trabalho e da hierarquização dos gêneros. Objetivando compreender possível relação entre a violência praticada por parceiros e ex-parceiros íntimos e o absenteísmo, este estudo qualitativo exploratório fez uso da estratégia PICOT, para consultar bases de dados, e da ferramenta Rayyan QCRI, para gerenciar referências. Os dados analisados indicam a existência da relação pesquisada e que as mulheres são as suas principais vítimas. Conclui-se também haver uma lacuna na literatura, que diz respeito à análise das atividades laborais exercidas no ambiente doméstico.

¹ Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, mavcf68@gmail.com;

² Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, alessandronom9@gmail.com;



Palavras-chave: Violência Doméstica. Violência contra a mulher. Violência de gênero. Incapacidade laboral. Absenteísmo.

INTRODUÇÃO

Este estudo qualitativo exploratório tem foco na violência praticada contra as mulheres pelos homens, enquanto seus parceiros ou ex-parceiros íntimos (VPI), os mais prováveis perpetradores da violência determinada pelo gênero entre todos os possíveis perpetradores (Branicki, 2023), buscando identificar sua possível relação com o absenteísmo. Trata-se aqui da violência praticada contra as mulheres, por serem mulheres, como reinvidicação do mito que suporta o patriarcado (Butler, 2024) e ação limitadora do pleno exercício da autonomia, sendo uma questão de saúde pública e ato de violação aos direitos humanos (OMS, 2024).

Foi utilizada a estratégia PICOT para guiar a revisão da literatura, com uso de termos específicos, e a ferramenta Rayyan QCRI para gerenciar as referências, resultando em 36 estudos selecionados.

Os dados analisados indicam alta prevalência desse tipo específico de violência em diferentes contextos globais e sua implicação com o absenteísmo, com impactos econômicos significativos. Constatou-se ainda haver uma lacuna na literatura, que diz respeito ao impacto da VPI sobre as atividades não remuneradas e historicamente percebidas como subalternas, que são desenvolvidas pelas mulheres no ambiente doméstico (Saffioti, 2013).

METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa e exploratória, realizou-se revisão da literatura, incluindo a utilização da estratégia PICOT, a partir dos seguintes componentes: população em foco (P), trabalhadoras e trabalhadores vitimados por violência perpetrada por parceiros ou ex-parceiros íntimos; intervenção (I), que foi a violência



sofrida; grupo controle (C), composto por trabalhadores sem relato da violência; e o desfecho de interesse (O), que foi o absenteísmo.

Realizaram-se buscas nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos CAPES, Cochrane Library (coleção de base de dados), PubMed, Scopus, EMBASE, Web of Science, Scielo, BVS, ScienceDirect e Google Acadêmico. Foram também consultadas as referências dos estudos selecionados.

Os termos utilizados para as buscas foram: "violence against women", "domestic violence", "intimate partner violence" e "absenteeism", associados pelos operadores lógicos "and" e "or" aos termos "prevalence" e "epidemiology".

Foram considerados elegíveis estudos revisados por pares, publicados até 14 de julho de 2024, em qualquer idioma, com desenho observacional e que quantificassem a prevalência do absenteísmo em pessoas vitimadas por agressões perpetradas por seus parceiros ou ex-parceiros íntimos, não sendo critério de exclusão a não existência do registro de um agravo consequente à violência sofrida.

Por fim, fez-se uso da ferramenta Rayyan QCRI como gerenciador de referências, para o qual importaram-se 92 artigos que, após emprego de critérios de elegibilidade e remoção de duplicidades, resultaram em 36 estudos que foram submetidos à análise aprofundada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Questiona-se quando o dimorfismo sexual passou a ser interpretado em desfavor das mulheres (Simioni, 2022), sendo crível que a hierarquização dos gêneros iniciou-se com a divisão sexual do trabalho, ocorrida há cerca de 35.000 anos, constituindo-se em um dos pilares da organização social deste então. Tal condição já se expressava através das pinturas rupestres, primeiro registro perpetuado do simbolismo humano (Zerzan, 2011).

No Neolítico, “[...] há cerca de 7.000-6.500 anos [...]” (Saffioti, 2001, p. 126), contemporânea ao desenvolvimento da pecuária e da agricultura, inicia-se o processo de substituição da apropriação coletiva da produção pela apropriação privada e a



desestruturação de um modelo de relações sociais centrado na figura feminina (Engels, 2024).

De longa data, os homens utilizam-se do discurso como ferramenta para modelar um ideal de mulher, tendo como condição de viabilidade o silêncio imposto às mesmas. Tal prática, segundo Beard (2023), foi registrada de forma inaugural na literatura ocidental na obra de Homero, *Odisseia*, escrita há cerca de 3.000 anos. Em passagem também citada por Engels (2024), Telêmaco ordena que sua mãe, Penélope, se cale, pois que a fala em público seria uma exclusividade masculina.

Certamente, além do discurso, foi necessário o emprego da violência tanto no espaço público, como no privado. Laçaram-se mão da segregação, tortura, das fogueiras e do assédio, desapossando as mulheres inclusive do controle da reprodução, vedando-lhes o uso de conhecimentos acumulados ao longo de séculos como, por exemplo, pela criminalização do aborto (Federici, 2023).

Capítulo à parte, o discurso médico atuou como auxiliar da dominação patriarcal, particularmente a partir de meados do séc. XVIII, dando fundamento à percepção da mulher como organismo privado das qualidades masculinas (Tramontano, 2023). Nesse mesmo momento ocorre a ascensão do capitalismo e o surgimento da família nuclear burguesa, locada em um ambiente onde tradicionalmente prevalece o poder patriarcal e ocorre a reificação da mulher, sob o manto da privacidade e do silêncio cúmplice de seus membros (Oliveira, 2022).

Importa também destacar a interpretação de Bourdieu (2021) a respeito da atuação coordenada de instituições como a igreja, o Estado e a escola através de um processo de desistoricização capaz de dispensar a justificação de legitimidade da dominação da mulher.

Trata-se aqui de uma questão de saúde pública, ato de violação dos direitos humanos e mecanismo histórico de dominação, que atravessa barreiras sociais e culturais, comprometendo a autoestima, o exercício da cidadania e a possibilidade de estabelecer ou preservar redes de relacionamento (OMS, 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A prevalência da VPI varia entre os diferentes estudos e contextos ao redor do mundo. Nos Estados Unidos, Blodgett (2017) revelou que 53% das mulheres entrevistadas relataram tê-la sofrido. Em contraste, Asencios-Gonzalez (2023), no Peru, mostrou acometimento de 71,2% das mulheres da amostra pesquisada, enquanto no Sudão do Sul, estudos indicaram acometimento de até 100% das entrevistadas (Chadha, 2021).

A violência perpetrada por parceiros e ex-parceiros íntimos afeta às mulheres com maior frequência do que aos homens, constatação que evidencia uma disparidade significativa de gênero. Por exemplo, no Canadá, MacGregor (2016) revelou que a prevalência para as mulheres foi de 37,6%, enquanto que para os homens foi de 17,4%.

Em países em desenvolvimento revelaram-se taxas para ambos os sexos mais altas do que em países desenvolvidos. Assim, Gana e Sudão do Sul apresentaram taxas de prevalência geral de 41% e 59%, respectivamente (Chadha, 2021). Em contrapartida, no Canadá a prevalência geral constatada foi de 33,6% (MacGregor, 2016). Essas disparidades destacam como diferentes populações podem ser afetadas, dependendo do contexto cultural, econômico e social (OMS, 2024).

Essa espécie de violência tem um impacto significativo na América Latina, afetando o crescimento econômico dos países (Costa, 2022). No Brasil, as mulheres vitimadas faltaram ao trabalho, em média, 18 dias/ano (IMP, 2017).

Igualmente bem estabelecida encontra-se a importância do trabalho remunerado para as mulheres que sofreram ou sofrem VPI, em função do ganho financeiro e possibilidade de recuperação da autoestima, além de poderem ter no trabalho um local de convivência segura e estabelecerem redes de relacionamento e amparo, oportunizando seu emponderamento (Branicki, 2023).

Echeverria (2016), estudando os impactos da VPI, dedica atenção à divisão sexual do trabalho e à dupla jornada feminina. No entanto, em seu recorte, foram entrevistadas exclusivamente “[...] mulheres [...] que têm ou tiveram um trabalho remunerado durante o período de violência [...]” (Echeverria, 2016, p. 37), não havendo qualquer referência às atividades não remuneradas desenvolvidas por essas mulheres no



ambiente doméstico ou às mulheres que se dedicam exclusivamente a essa modalidade de trabalho. Através deste estudo foi possível observar que a abordagem dessa temática com foco exclusivo no trabalho assalariado é recorrente, como em Fitz-Gibbon (2023), Branicki (2023) e Isola (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência perpetrada por parceiros e ex-parceiros íntimos impacta vidas em todo o mundo, afetando diretamente a saúde e a produtividade das vítimas, além de, como consequência, afetar a economia dos países. As mulheres são as suas principais vítimas em todos os contextos analisados, o que destaca a importância de políticas específicas com enfoque de gênero.

Os estudos transversais foram predominantes, mas estudos longitudinais poderiam oferecer uma visão mais profunda dos efeitos a longo prazo da violência pesquisada. Por outro lado, percebe-se haver uma lacuna na literatura quanto ao impacto da VPI sobre o trabalho não remunerado e historicamente percebido como subalterno que é desenvolvido pelas mulheres no ambiente doméstico.

Novos estudos, com a inclusão da vivência das mulheres que apresentam total dependência financeira em relação aos seus agressores e que provavelmente tiveram sua trajetória de vida mais acentuadamente determinada pela divisão generificada do trabalho, poderão contribuir para o real dimensionamento e compreensão da VPI.

REFERÊNCIAS

ASENCIOS-GONZALEZ, Zaida B, VARA-HORNA AA, BRAD MCBRIDE J. Intimate Partner Violence Against Women and Labor Productivity: The Mediating Role of Morbidity. **Violence Against Women**. 2024 Sep;30(11):2828-2852. doi: 10.1177/10778012231163572. Epub 2023 Mar 22. PMID: 36950730. Acesso em: 04 abr. 2024

BRANICKI, Layla, *et. al.* Corporate Responses to Intimate Partner Violence. **J Bus Ethics**. 2023 Jun 12 : 1–21. Disponível em:



https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7890590/pdf/10.1177_0706743720939676.pdf. Acesso em: 03 abr. 2024

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. Tradução de Jennifer Koope, 2ª ed. – São Paulo: Planeta Brasil, 2023

BLODGETT, C.; LANIGAN, J. D. The Prevalence and Consequences of Intimate Partner Violence Intrusion in the Workplace. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, 27(1), 15–34, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1330297>. Acesso em: 05 jul. 2024

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. 19ª ed., Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2021

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?** Rio de Janeiro. Boitempo Editora, 2024

CHADHA, Mrinal, *et. al.* INTIMATE PARTNER VIOLENCE AGAINST MEN AND IMPACTS ON PRODUCTIVITY: EVIDENCE FROM GHANA, PAKISTAN AND SOUTH SUDAN. **J Epidemiol Community Health**, 2021; 75: A86. Disponível em https://jech.bmj.com/content/75/Suppl_1/A86.2.abstract. Acesso em: 05 jul. 2024

COSTA, Ana CE. **Os Custos Econômicos da Violência no Brasil**. 2022. 56p. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Econômicas. Universidade Federal do Amazonas). Manaus, 2022. 56p. Disponível em https://riu.ufam.edu.br/prefix>TCC_AnaCosta. Acesso em 14 de abr. 2025

ECHEVERRIA, Jasmin GM. **Relações entre mulheres trabalhadoras e violência doméstica**: percepções de mulheres atendidas em um Centro de Atendimento à Mulher. 2016. 110 p. Dissertação (Mestrado, Programa de Mestrado em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP), Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19667>. Acesso em: 05 de out. 2024

ENGELS, F. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução Leandro Komder. 14ª edição. Rio de Janeiro. Viva Livros, 2024

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**. Tradução Coletivo SYCORAX, 2ª ed. Revisada. São Paulo, Editora Elefante, 2023

FITZ-GIBBON, Kate, PFITZNER, N., MCNICOL, E. Domestic and family violence leave across Australian workplaces: Examining victim-survivor experiences of workplace supports and the importance of cultural change. **Journal of Criminology**, 2023, Vol. 56(2-3) 294–312. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/26338076221148203>. Acesso em: 02 abr. 2024



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

INSTITUTO MARIA DA PENHA - IMP. **PCSVDF Mulher** – Violência doméstica contra a mulher e o impacto no trabalho. Fortaleza, 2017. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/pcsvdfmulher-violencia-domestica-contra-mulher-e-o-impacto-no-trabalho-ufc-imp-2017/>. Acesso em: 20 mar. 2025

ISOLA, Carlos, *et. al.* Intersection of Intimate Partner Violence, Partner Interference, and Family Supportive Supervision on Victims' Work Withdrawal. **Occup Health Sci.** 2023 Apr 25 : 1–26. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37359457/>. Acesso em: 04 abr. 2024

MACGREGOR, Jennifer C, WATHEN CN, MACQUARRIE BJ. Domestic Violence in the Canadian Workplace: Are Coworkers Aware? **Safety and Health at Work.** 2016 Sep;7(3):244-50. Disponível em doi: 10.1016/j.shaw.2016.01.003. Epub 2016 Feb 6. PMID: 27630795; PMCID: PMC5011092. Acesso em: 05 jul. 2024

OLIVEIRA, Ângela MM. Desatando os nós: não era casa, nem lar, testemunhos de violência doméstica (Oeiras, Piauí, 1994-2012). **História Oral**, v. 25, n.º 1, p. 177- 188, jan./jun. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.51880/ho.v25i1.1230>. Acesso em: 20 fev. 2025

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Violência contra as mulheres.** 2024. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/331699?locale-attribute=pt&>. Acesso em: 18 dez. 2024

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo (16) 2001: pp.115-136. Disponível em: www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkL/?format=pdf. Acesso em: 10 mar. 2024

SAFFIOTI, Heleieth IB. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.** 3ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013

SIMIONI, Ariane. **Violência Doméstica e a Teoria da Ação Comunicativa:** uma via possível para Brasil e Portugal. São Paulo: Editora Dialética, 2022

TRAMONTANO, Lucas. **Testosterona:** a biografia de um hormônio. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2023

ZERZAN, John P. Patriarcado, Civilização e as Origens do Gênero. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Direito**, CCJ/UFPB, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2011 (n.p.). Tradução de Loreley Garcia. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/9702>. Acesso em: 4 mar. 2025